

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP**  
Coordenação Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE

**A MULHER E A PSICANÁLISE**  
uma revisão sobre o Outro gozo

Malka Reyzla Scharff

**São Paulo**  
**2011**  
**Malka Reyzla Scharff**

## **A MULHER E A PSICANÁLISE**

uma revisão sobre o Outro gozo

Projeto de pesquisa apresentado para avaliação do curso de Especialização de Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Coordenação Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão – COGEAE, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Furtado Leite.

**São Paulo**

**2011**

## AGRADECIMENTOS

Ao Eduardo Furtado Leite, pela oportunidade e excelente orientação. Aos demais professores do curso de Semiótica Psicanalítica, pelo apoio, generosidade e empatia.

## **RESUMO**

Este trabalho visa criar aproximações entre leituras que alguns autores atuais fizeram da passagem de Freud para Lacan, na incorporação do conceito de Outro gozo em suas clínicas e teorizações. Para isso, é feita uma revisão sobre o feminino e gozo na leitura de Colette Soler, Maria Escolástica e Alain Didier-Weill, que apresentam formalizações complementares sobre o tema.

**Palavras-chaves:** Mulher, feminino, Outro, Gozo.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 O FEMININO NAS TEORIAS PSICANALÍTICAS.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 O OUTRO GOZO.....</b>	<b>13</b>
<b>3 A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>20</b>
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da psicanálise, com Sigmund Freud, questionamentos sobre a mulher, feminilidade e o desejo feminino são recorrentes. Inúmeros autores tentaram compreender e teorizar sobre a sexualidade feminina.

Hoje, mais de cem anos depois, as perguntas ainda são muitas. Homens e mulheres falam sobre as peculiaridades de ser mulher. Criam-se hipóteses sobre quem é a mulher; qual é o gozo feminino; quais as diferenças e similaridades entre os homens e mulheres; obstinadamente se tenta responder a famosa pergunta *o que quer uma mulher?*

Jacques Lacan com seu axioma *A mulher não existe; A mulher não toda*; e outras reflexões sobre o gozo fálico e o gozo Outro presentes no seminário XX, causaram e ainda causam estranheza.

A enigmática mulher, que escapa aos discursos, que é impossível de ser classificada ainda hoje no segundo milênio, é incompreendida. Esse é o seu destino, o que causa incômodo aos mais categóricos, que de tempos em tempos criam eixos cartesianos para tentar encontrar sentido nela, que beira o sem-sentido, a loucura, a impossibilidade de padronização.

Ao longo da história podemos observar mudanças de paradigmas em todas as áreas do conhecimento, e isso não poderia ser diferente com a mulher. É importante contextualizar de que mulher se fala, qual sua época e quem é que a define.

Maria Rita Kehl em sua Tese de Doutorado “Os Deslocamentos Do Feminino – A mulher freudiana na passagem para a modernidade” em 1997, ressalta a importância de contextualizarmos o momento histórico em que o sujeito se inscreve.

A ética da psicanálise exige que o analista saiba que “homem”, “mulher”, “sujeito”, são construções datadas, contingentes, portanto mutantes. É preciso que ele saiba que não está lidando com transcendências, mas com contingências. (...). Não existe A Mulher como universal transcendente ao conjunto de mulheres, como não existe. O Homem também – mas esta segunda miragem, sustentada pelo significante fálico, parece encontrar uma ressonância imaginária que o conjunto das mulheres nunca será capaz de produzir. Talvez por isso, cem anos atrás, algumas mulheres fundaram junto com Freud a psicanálise ao indagar seus desejos, diante daquele médico raro,

tentando colocar em palavras a confusão sobre o que é ser mulher. A indagação também poderia ser lida (como Freud o fez) assim: como tornar-se uma mulher? – mas partindo ainda do pressuposto de que A Mulher precede a existência de cada mulher em particular. Sabemos que as indagações das primeiras pacientes de Freud eram contemporâneas a uma grande produção científica e filosófica que tentava, na Europa oitocentista, explicar a mulher. Embora homens e mulheres sejam vários, diversificados quanto aos modos de inclusão nos universos ditos “masculino” e “feminino”, o conjunto dos homens raramente está em questão quanto ao que os identifica, enquanto o conjunto das mulheres, toda vez que sai de uma posição aparentemente complementar à posição masculina, solicita uma produção de discursos e saberes tão mais prolixa quanto maior for a perplexidade que este deslocamento produziu. (KEHL, 1997, p. 28/29).

Partindo deste pressuposto, o presente trabalho tem o objetivo de criar aproximações entre leituras que alguns autores atuais fizeram da passagem de Freud para Lacan, na incorporação do conceito de Outro gozo em suas teorizações.

A primeira constatação efetuada pelo psicanalista é a de que o humano não pára de querer falar daquilo que não pode dizer (a mulher, a morte, o pai, etc.). A partir de então, nossa via de pesquisa se define por uma máxima impossível: aquilo que não se pode falar, é preciso dizê-lo! (ANDRÉ, 1998, p.10).

Ao longo do tempo, tem sido o feminino o mais imaginário dentre os objetos do conhecimento humano. No decurso dos últimos milênios, nossa civilização armazenou crenças e tradições as mais dispares, para encobrir a falta de um saber sobre a mulher e o seu desejo. Mas, só no último século pôde a psicanálise penetrar um pouco mais nesse imbricado de relações que é a alma feminina e questionar crenças, tabus e superstições que só serviam para escamotear o medo desse ser desconhecido. (ESCOLÁSTICA, 1995, p.15).

## 2 O FEMININO NAS TEORIAS PSICANALÍTICAS

A psicanalista Maria Escolástica, em artigo publicado na revista *Psicanálise & Conexões* do Programa de Pós-graduação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, faz uma revisão histórica sobre o enigma posto pelo feminino. Conforme Escolástica, “o enigma não é o feminino e sim o lugar em que isto (o feminino) põe o sujeito”. Desde Hipócrates (IV a.C), o feminino vem sendo interrogado, “seus males, suas dores, suas doenças, tudo fluía de uma mesma fonte: o sexo.” Platão (Timeu) afirmava: “Seu útero é um ser vivo, possuído pelo desejo de fazer crianças” (PLATÃO apud ESCOLÁSTICA, 2009).

Por muitos séculos, os sintomas histéricos vem sendo questionados. “Na Renascença, abre-se o pensamento para as doenças da alma. A melancolia, causada pela bílis negra, é um presságio de terror que vai acometer milhares de mulheres acusadas de bruxaria” (ESCOLÁSTICA, 2009).

Foram muitas as teologias tortas que se sucederam e que sucedem ainda, tendo por objetivo a histeria. O que não se via – ou que não se vê, ainda – é que para além de toda a encenação da histérica, para além de seus sintomas mágicos e suas reações teatrais, tudo nela é silêncio absoluto. (ESCOLÁSTICA, 2009)

No Século XIX a histeria passa a ser alvo da neurologia, inicialmente com Jean-Martin Charcot (1825 – 1893) em seguida pelo seu aluno Sigmund Freud (1856 – 1939), que buscou que as mulheres quebrassem o silêncio, falassem. Porém, mais de um século depois, ainda se questionam todas as leituras possíveis para a obra de Freud.

Maria Escolástica em seu livro “O Gozo Feminino”, de 1995, retoma as cartas que Freud, trocava com o médico Wilhelm Fliess (1858 – 1928). Nos princípios da psicanálise, ele confienciava ao amigo a existência da bissexualidade originária, constrói sua obra em cima do processo de normatização sexual da criança.

Isto se daria através da castração e do complexo de Édipo, os dois eixos principais da organização sexual infantil, e culminaria com a identificação da criança com o progenitor de seu sexo e a conseqüente inibição da tendência oposta, fazendo com que a bissexualidade originária se mantenha num nível inconsciente. A menos que ocorram distúrbios nesse processo de normatização sexual, a bissexualidade se transformaria num desejo inibido quanto aos seus

objetivos, constituindo-se na fonte libidinal dos sentimentos fraternais, paternos, humanitários e das realizações artísticas e criativas do ser humano. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 72)

Nessas cartas endereçadas a Fliess, “Freud a princípio, exasperava-se: eu não sei o que fazer com a sexualidade feminina” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 137). Em “Análise Terminável e Interminável”, no final de sua obra, atribui à feminilidade o que chamou de rochedo da castração “de ordem biológica irredutível à simbolização. Ele percebe que se trata de algo de outra ordem, quicá do não-realizado, e que só se mostra para melhor poder se esconder. Ou seja, algo da mesma ordem que o inconsciente” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 137)

Colette Soler em seu livro *O que Lacan dizia das Mulheres*, de 2003, ao retomar a mulher freudiana, considera que Freud em 1905 já descobriu as pulsões, mas como parciais. Diz a autora:

Daí a ideia da “perversão polimorfa” originária, que quer dizer: não há pulsão genital no inconsciente. A criança realmente constrói teorias quanto à relação entre os sexos, mas, inventa-as. Elas as constroem a partir da metáfora das pulsões parciais de que tem experiência. Ora, estas nada dizem sobre a diferença entre homem e mulher, encontram-se tanto no menino quanto na menina, e deixam intacta a questão de saber o que distingue a essência da mulher” (SOLER, 2003, p. 25)

Freud se baseia na formulação “ter ou não ter o pênis”. O que segundo Soler “faz da falta fálica o princípio dinâmico de toda libido, e que afirma que a identidade sexuada do sujeito é forjada a partir do medo de perdê-lo, naquele que tem, e da vontade de tê-lo, naquela que é privada dele” (2005, p.26). Da inveja do pênis Freud distingue três evoluções possíveis, “somente uma das quais lhe parece levar à verdadeira feminilidade. O que equivale a dizer que, para ele, nem todas as mulheres são mulheres” (SOLER, 2005, p. 26).

A feminilidade da mulher deriva de seu “ser castrada”: mulher é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Primeiro é o pai, ele próprio herdeiro de uma transferência do amor primordial dirigido à mãe, e depois o cônjuge. Em resumo: ao se descobrir privada do pênis, a menina torna-se mulher quando espera o falo – ou seja, o pênis simbolizado – daquele que o tem (SOLER, 2005, p. 26).

Jacques Lacan (1901-1981), na primeira parte de seu ensino, retoma Freud, observando os efeitos causados na menina em sua passagem pelo complexo de Édipo, na articulação falo-castração. Na segunda parte, conclui esta articulação só consegue dar conta do Édipo do menino; não o da menina. Sendo necessário avançar para mais-além do falo.

Colette Soler divide a clínica de Lacan em duas partes: Uma por volta de 1958, com “A significação do falo” e “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina”, chamada por Soler como “a mais freudiana”. A segunda fase, girando entre “O aturdido” e o seminário *Mais, ainda*, dos anos 1972-73, considerada pela mesma autora “mais manifestamente inovadoras”. Classificação reconhecida e usada por muitos psicanalistas brasileiros.

Em 1972, Lacan produz as fórmulas da sexuação, onde “as duas partes da humanidade” se colocam diante da lei fálica. Da oposição entre duas lógicas: a do todo-fálico nos homens e do não-todo fálico nas mulheres. Com seus dois gozos: um fálico e outro chamado de Outro gozo, absoluto, suplementar. Sobre ele, relaciona: “dizer que A mulher não existe é dizer que a mulher é apenas um dos nomes desse gozo, real”(SOLER, 2005, p. 28).

Ao mudar o conceito de pênis para o conceito de falo - “significante da falta que se presta para representar, além da diferença sexual, a falta-a-ser gerada pela linguagem para todo e qualquer sujeito, e com isso é restabelecida a paridade na falta” (SOLER, 2005, p.28) - Lacan cria o “Ser o falo”. Na lógica freudiana existia a relação “ter ou não ter”. Nessa lógica, falta fálica coloca a mulher na posição de “Ser o falo”.

A mulher, ao se colocar no papel de falo, se coloca no lugar do desejo, enquanto o homem é o que deseja. Assim, se estabelecem o “banco do homem” ou “banco da mulher”, um como desejante, e a outra como desejável. Contudo, a formulação de Lacan enfatiza o desejo feminino direcionado ao homem, que passa pela mediação obrigatória do sexo oposto. “Ser o falo, isto é, o representante do que falta no homem, depois ser o objeto causa de seu desejo e, por fim, ser o sintoma em que seu gozo se fixa.”(SOLER, 2005, p.29).

Para se moldar ao desejo masculino, observa-se na mulher a predominância dos semblantes, “a se vestirem com as cores ostensivas do desejo do Outro (...) É nessa hiância do recalçamento que o imaginário prolifera, os ideais do sexo ganham vigor e se desdobra a demanda de amor, que, ela sim é formulável” (SOLER, 2005, p. 33).

Se por um lado, observar como a mulher se coloca no lugar de desejo masculino é algo simples, por outro, a compreensão do desejo feminino é uma incógnita. Na opinião de Soler, “nada se sabe sobre o desejo da que se faz desejável, o que quer a mulher continua sem resposta”.

A expressão do desejo feminino é problemática, de fato. A doutrina freudiana tem ao menos o mérito de destacar a distinção entre todos os desejos possíveis para as mulheres e o que seria propriamente um desejo feminino. Uma única libido, diz ele. É que o desejo como tal é um fenômeno do sujeito, ligado à castração. Daí sua correlação essencial com a falta a ter, que nada tem de especificamente feminina. É nesse aspecto, aliás, que a noção de “complexo de masculinidade” é não só maculada pelo preconceito, mas conceitualmente confusa. Tudo o que concerne ao desejo de adquirir, de se apropriar, é igualmente válido em relação ao homem, como metonímia de seu ter fático. Em nome do que o desejo de ter seria proibido às mulheres, que se trate de fortuna, poder, influência ou sucesso, em suma, de todas as chamadas buscas fálicas da vida cotidiana? Nesse ponto, a diferença entre Freud e Lacan é muito sensível. Lacan não era rude com as mulheres, nem em seus textos nem em suas análises, e era pouco inclinado ao que parece, a desestimulá-las de adquirir tudo o que lhes desse vontade, por menos que isso fosse possível. Só que esse anseio, inerente ao sujeito, não tem nada de feminino, e o desejo da mulher como tal, se é que existe algum sentido em evocá-lo, seria outra coisa. (SOLER, 2005 p. 33/34)

Para Freud o desejo feminino estava vinculado a ter o amor de um homem ou o filho fálico. A mulher que renuncia a masculinidade (nas três soluções freudianas para a inveja do pênis) espera o filho vindo de um homem, não se auto-proporciona o substituto fálico. Em Lacan, compreendemos que a mulher está inserida nesta dialética fálica, porém, Lacan coloca o filho esperado como um objeto a possível para a mulher, o desejo feminino vai além.

Entre a mãe e a mulher existe um hiato, aliás muito sensível na experiência. Às vezes, o filho fálico é passível de tamponar, de silenciar a exigência feminina, como vemos nos casos em que essa maternidade modifica radicalmente a posição erótica da mãe. No essencial, porém, o dom do filho só raramente permite fechar a questão do desejo. O filho, como resto da relação sexual, realmente pode obturar em parte a falta fálica na mulher, mas não é a causa do desejo feminino que está em jogo no corpo a corpo sexual (SOLER, 2005, pg 35).

Para explicar o desejo feminino, apontado por Lacan desde “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina, de 1958, Colette cita Lacan, “O esforço de um gozo envolto em sua própria contigüidade ..., para se realizar rivalizando com o desejo que a castração libera no macho...” (LACAN apud SOLER, 2005, p. 36). Um desejo bem alheio a qualquer busca do ter, e que tampouco...

Um desejo bem alheio a qualquer busca do ter, e que tampouco é a aspiração a ser que é a demanda de amor. Ele se define como o equivalente, se não de uma vontade, pelo menos de uma visada de gozo. Mas trata-se de um gozo específico, que se excetua do caráter “discreto” e, portanto, limitado do gozo propriamente fálico. Mais que um voto de alhures, um empenho, um “esforço” que rivaliza e em relação ao qual eu arriscaria de bom grado a formulação: gozar tanto quanto deseja. Assinalo, por outro lado, que a expressão “em rivalidade com”, que conota a emulação, é reproduzida na página seguinte, quando Lacan observa que, na relação sexual, os “recorrentes do sexo” e os “partidários do desejo”, ou seja, respectivamente, as mulheres e os homens, se “se exercitam como rivais”. (SOLER, 2005, p. 36).

## 2.1 O OUTRO GOZO

Sobre ele Lacan discorre no Seminário Mais, Ainda. Aponta que a mulher se define por uma posição não-toda fálica. “Por ser não-toda, ela tem, em relação ao que designa de gozo a função fálica, um gozo suplementar. Vocês notarão que eu disse suplementar. Se estivesse dito complementar, aonde é que estaríamos! Recairíamos no todo” (LACAN, 1996, p. 99).

O Outro gozo, mencionado desde “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” é implicado como o diferente do gozo fálico. Sobre o gozo fálico Soler descreve: “O gozo fálico, como gozo do Um, é gozo localizado, limitado e fora do corpo. É um gozo em sintonia, com o significante, como ele descontínuo e fragmentado. (...) aquele que a castração deixa ao ser falante” (SOLER, 2005, p. 36).

O gozo outro por sua vez, é “um gozo que não cai sob a barra do significante, que nada sabe do falo, e portanto, não causado por um objeto a, é um gozo foracluído do simbólico, fora do inconsciente” (SOLER, 2005, p.37).

o gozo “que a feminilidade furta”, diz Lacan, expressão esta que introduz uma dupla nuance, ao mesmo tempo de apropriação e dissimulação. Com efeito, não se deve imaginar que o gozo suplementar seja ilustrado unicamente pelos míticos, com os quais, aliás, a análise tem pouquíssimo a ver. Convém também distingui-lo dos gozos que a teoria situou como pré-genitais e nos quais a criança, independentemente do seu sexo, é iniciada na relação com a mãe como objeto primordial. As pulsões parciais do pequeno perverso polimorfo certamente põem em jogo o corpo, mas obedecem à estrutura fragmentada do significante e são tão externas ao corpo quanto ao corpo quanto o gozo fálico. Nesse sentido, o pré-genital não é o gozo outro, e a relação com o corpo da mãe não é a chave desse gozo. (SOLER, 2003, p.37).

Um gozo que o inconsciente desconhece, que faz da mulher o Outro absoluto. Como diria Soler, “mais-além do falo, mais-além do objeto, mais-além da consistência do dizer” (2003, p.38). O qual Maria Escolástica, em seu livro “O Gozo feminino” de 1995, chama de “desconhecido, enigmático, emudecido, aviltado, proibido, amaldiçoado, reprimido, disfarçado e denegado” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 16).

Maria Escolástica se refere ao Outro gozo, como o que foi recalcado em nossa civilização e que teria assim um papel nas fantasias e fantasmas inconscientes. Tenta buscar o que na “feminilidade” tem de prazeroso, e foi recalcado em nossa civilização. Retoma a passagem da cultura pagã, para o monoteísmo, “a crença num Deus único, severo e inominável, com novas regras pautadas pelo ideal judaico impostas ao relacionamento sexual, sobretudo visando salvaguardar a paternidade e a descendência” (ESCOLÁSTICA, 1995, p.23).

Podemos dizer que a libido outrora pagã foi submetida à nova concepção de espírito, o corpo a uma disciplina implacável e os papéis sexuais passaram a ser sobredeterminados por uma rígida divisão entre os sexos. O poder e a influência dos símbolos maternais da era pagã foram substituídos pelo pátrio poder, gerando a instituição de funções sociais diferenciadas e hierárquicas entre o homem e a mulher. (ESCOLÁSTICA, 1995, p.23).

Conforme a mesma autora, com a instituição patriarcal, com a política de controle da natureza, da vida e da procriação, uma parte do feminino foi recalcado. Explica que “quando o prazer é esquecido (ou proibido), vira dor, prazer em negativo, uma outra maneira de falar do corpo” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 24).

Retoma seu trabalho anterior “Mulher Substantivo Masculino” de 1988, para explicar que:

Os mesmos interditos presentes nas regras da linguagem deixam bem claro que existem na própria estrutura da língua formas de subtração do gênero feminino, seja em função dos jogos de concordância numa frase, seja em função da ideologia subjacente, demonstrando que a língua é depositária, em todas as suas articulações (semântica, gramatical e simbólica, etc.) do imaginário falocêntrico que rege o social. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 34).

A linguagem, estruturalmente fálica, denega o feminino, “sua existência é configurada, pois, somente nas lacunas, nas entrelinhas, nos equívocos da linguagem (...) Se a gramática não produz formas de sustentar a existência da mulher, ela não existe” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 40).

Escolástica aponta que a mulher não se perde nessa inconsistência de identidade porque “existe algo da ordem do gozo que lhe garante uma certa consistência num outro

nível” (1995, p. 41). Aquilo que chama de inconsciente arcaico. Ressalta o lugar privilegiado que ocupavam as mulheres nos tempos arcaicos “entre o natural e o sobrenatural” (1995, p. 85). “Para além do Falo em sua economia libidinal, algo para além do prazer e da procriação” (1995, p. 99).

Esta especificidade do gozo da mulher teria sido, segundo a concepção de uma memória arcaica da mulher, a fonte imaginária da subjetividade feminina. Ou seja, ao se acreditarem fecundadas por um espírito ou um animal, as mulheres se identificavam com essas divindades supra-naturais e acediam a um gozo do ser – estruturalmente diferente do gozo do órgão relativo à sexualidade fálica. Os homens não representavam seus donos, mas seus parceiros eróticos para uma vivência muito aquém do que hoje costumamos chamar de orgasmo. Não nos esqueçamos de que estamos falando de uma era na qual a sexualidade era o canal de comunicação com o Outro (os deuses), função esta representada hoje pelas religiões. (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 99/100)

Defende que “o corpo feminino guarda a memória dos movimentos cíclicos da natureza através de uma sintonia que são suas funções naturais, seus períodos menstruais, sua fecundidade, seus ritmos bio-psicológicos” (1995, p.100).

Foi contra isso que os homens se insurgiram; foi esse gozo que tentaram destruir na mulher, assassinando imaginariamente – não o Pai, mas aquela Mãe absoluta e sobrenatural que os excluía do poder, que lhes roubava As mulheres, que lhes impunha rituais eróticos que se chocavam com sua virilidade ativa. Assim o fizeram. Mas, ao mesmo tempo veio a culpa, pois a Grande-Mãe era também fonte de amor e proteção. Na verdade, pouco importa que a representem com barbas e pelos; ela era o Outro ao qual todos, homens e mulheres se submetiam. O monoteísmo a matou. Suas leis são o símbolo de um desejo, a partir de então, proibido. Daí a proibição do incesto. (ESCOLÁSTICA, 1995, p.101)

Com o início do paternalismo, ocorre uma ruptura na organização libidinal primitiva, que provoca o recalque da experiência primordial do Outro gozo. “Teria sido exatamente contra esse Outro gozo que o monoteísmo hebreu se insurgiu. Pois esse privilégio colocava a mulher num plano inatingível, na medida em que o homem não a possuía toda” (ESCOLÁSTICA, 1995, p.107). A mulher, desde então, apresenta-se apenas em seus sintomas.

Segundo a leitura da autora, a sexualidade feminina, com traços de passividade psíquica observada desde Freud, foi transformada pelo patriarcado em submissão.

“Passividade – para os antigos *pati divina* – condição pática, paciente, do ser humano, transformada em patologia. A feminilidade doente é o produto de uma perversão do sistema patriarcal, cuja essência é impedir o gozo da mulher para melhor gozá-la” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 197).

A memória arcaica da feminilidade – o real – transmitida fisiológica e semioticamente pelo corpo materno, sem outro canal senão a angústia (de não ter símbolos que a representem), é recalcada e transformada em sintoma. Na vivência sem palavras do corpo em suas funções cíclicas (seus fluxos, seus períodos, seus ritmos menstruais), quando a mulher sente que algo a atravessa e a transcende e a coloca fora-de-si, vem a angústia de estar à mercê do Outro; aquilo que poderia ser vivido como gozação, ou seja, o gozo transformado em ação (de criar), se volta contra ela mesma e se transforma em gozo-da-dor. O masoquismo feminino tem vários nomes: tensão pré-menstrual, cólicas, enxaquecas, frigidez, esterilidade... além do seu ignóbil assujeitamento ao desejo dos outros. (pg 197 3ºp).

Escolástica insiste em buscar nos mitos da humanidade um testemunho desse princípio de complementariedade. “Dentre esses mitos encontrei, no atributo da Philotes (ternura) de Afrodite e no amor sublime de Maria, mãe de Jesus, uma certa especificidade da posição feminina diante da Falta” (ESCOLÁSTICA, 1995, p. 200).

Soler, retoma duas personagens utilizadas por Lacan. A primeira aparece no seminário sobre *A transferência*, em que Lacan reconhece na personagem Ysé de Claudel “um verdadeiro personagem mulher” (SOLER, 2005, p.18). Ela, Ysé, é esposa e é mãe de dois meninos, que trai três homens, descreve uma tentação em si, sente o perigo dentro dela mesma. Uma tentação, que segundo Soler (2005, p.18), seria a tentação de um amor louco, tão total que, anulando tudo aproxima-se da morte. Demonstra também o desejo de ser única.

É a tentação de um amor tão total, tão absoluto quanto irrespirável, que varre para longe não só as mediocridades do compromisso, mas esvazia de substâncias os objetos mais diletos, mata qualquer diferença e se afirma sob a forma de um aniquilamento – a ser distinguido da denegação, é claro – de todos os objetos correlacionados com a função fálica, ou seja, com a falta. (SOLER, 2003, p. 21)

Colette Soler analisa que Ysé trai todos os objetos que respondem à falta inscrita pela função fálica, em prol do abismo. “Esse traço de aniquilação, quase sacrificial, é a

marca própria que designa o limiar, a fronteira da parte “não” do todo fálico, do não-todo, Outro absoluto.

No mesmo seminário sobre *A transferência*, Lacan evoca *La femme pauvre*, de Leon Bloy. Colette Soler transcreve o final do romance com o trecho: “Ela compreendeu até, o que não está muito longe do sublime, que a mulher só existe de verdade sob a condição de existir sem pão, sem pouso, sem amigos, sem marido e sem filhos. É só assim que ela pode forçar seu senhor a descer” (2005, p.22). Sobre o não-todo relaciona:

“Um bem em segundo grau que não é causado por um objeto a” – destaco -, sua diferença só pode fazer-se valer num processo de aspecto subtrativo, no que é propriamente de separação, no qual se afirma uma emancipação anuladora, no sentido libidinal do termo, em relação a qualquer objeto. Não se trata da esquiva histórica nem tampouco da ambivalência denegadora, pois as duas desvelam apenas o parêntese vazio em que o objeto se sustenta. (SOLER, 2005, p.23)

Soler, mostra o abandono de tudo como um anular o efeito da castração. Esvaziamento dos objetos que lhe são correspondentes. Explica que é assim que Lacan recorre à experiência mística. “O místico atesta que é com alegria que ele renuncia ao mundo, não por gostar da dor, mas por ser cativado por... Outra coisa: a tentação, o sonho, talvez de se abolir no gozo de um amor infinito” (SOLER, 2005 p. 69).

Desse gozo Outro, suplementar da mulher, vinculado ao mito de Tirésias, se coloca segundo Soler, engendra no campo do discurso analítico novos fatos clínicos: “uma questão, sem dúvida, mas também uma inveja, se não nova, pelo menos recém-exibida, rival da inveja do pênis, que é a inveja do outro gozo; e também um medo, ou até uma denúncia” (SOLER, 2005, p. 126).

Alain Didier-Weill em seu livro “Lacan e a Clínica Psicanalítica” de 1998, nos fornece um exemplo atual sobre a manifestação destes dois tipos de gozo: fálico do lado dos meninos e Outro gozo, chamado por ele de real, do lado das meninas. Sobre o gozo simbólico, fálico descreve o primeiro jogo inventado pelo menino:

Sem que tenhamos que ensinar-lhe, o jogo de futebol: de repente, ele chuta uma bola. Proponho-lhes compreender que o chute, como a raquete de tênis, é o símbolo do falo, que se especifica no tocar na bola, que ele constitui como eternamente perdido. Sim, porque a bola não tem interesse algum quando a prendemos nas mãos, a bola só interessa quando nos separamos dela, quando a

chutamos, isto é, quando a constituímos como objeto perdido, atrás do qual o homem correrá por toda a vida. É correndo atrás da bola que ele isolou graças a seu pé ou à raquete de tênis erguida que seu corpo se faz ereto e consistente. Então, poderíamos dizer que é isso que dá ao corpo do homem sua consistência. (WEILL, 1998, p. 43).

Sendo o furo da mulher de outra ordem, não é simbólico, é real. O primeiro jogo da meninas é o pular, dançar:

Espontaneamente, ela não brinca com a bola da qual se separaria, como o menino, ela tende a separar-se ela própria, do chão, brincando de saltar no ar, pulando corda. É muito diferente lançar-se no ar e lançar, no ar, uma bola. É muito diferente porque não se trata da separação de um objeto causa de um desejo. Nesse jogo precoce a menina inventa a dança, ou seja, inventa o ato de aliviar seu corpo, torná-lo leve, retirar-lhe o peso. A que faz apelo a menina para que seu corpo, que não é inteiramente simbolizado pelo sexual, encontre um complemento de simbolização? Penso que, quando dança, ela espera uma simbolização do Outro, do Outro com um O maiúsculo. Ela a espera e a obtém, pois, quando pula e volta ao chão, não são seus músculos que o fazem, é uma relação com o Outro com o qual ela entra numa invocação. Se ela o invoca, o Outro responde de forma a torná-la leve, de forma a tomá-la e elevá-la no ar, mesmo a deixando cair de novo. É o significante que a torna leve, que a enleva, e por essa disparidade entre os jogos precoces do menino e da menina, vocês podem ver as referências que observamos em dois tipos de orientações possíveis. (WEILL, 1998, p. 43).

Assim ilustra a apropriação que as crianças fazem do corpo, que podem ser transpostos para o homem e a mulher, e a necessidade ou não (como no caso feminino) de ir em busca do objeto perdido, objeto a..

“O destino do masculino é o jogo do sentido, quer dizer, ir na direção do sentido, do sentido no qual corre a bola, e o destino do feminino, a preocupação com algo de mais subterrâneo: o jogo da existência, o crer no fato de que se possa existir” (WEILL, 1998, p. 47).

Enquanto o homem corre nesta busca de sentidos, a mulher “traz uma dúvida sobre sua existência, que dá a seu destino um outro delineamento, fazendo-o passar por caminhos de realização diferentes do homem, este último em busca do sentido, num pensamento que se pode dizer causal” (WEILL, 1998, p. 47/48).

Para o autor, ver uma mulher dançar, é ver um movimento que “especifica-se por ser sem causa. Não é explicável por um encadeamento de causa e efeito”. Questiona:

Quando uma mulher dança, quando o feminino dança, será que podemos dizer que ela é causada pela música, pelo Outro? Eu diria que não, ela não é causada

pelo Outro, pois, quando ela dança, ela é o Outro. Para ser causado, é preciso um hiato temporal – correr atrás da bola. No caso, a mulher não corre atrás do Outro, ela é o Outro, o que significa que há uma sincronia, não uma diacronia; ela é sincronicamente o Outro e é por isso que não se trata de causa. (WEILL, 1998, p. 49)

Conforme Weill, ao masculino está interdito o acesso a esse gozo Outro. Explica que se algo produz o interdito, um “inter-dizer”, esse se encontra entre dois significantes S1 –S2 que Lacan escreve.

O homem é aquele que toma para si o intervalo S1 – S2, na medida em que o desejo é articulado pelo movimento de sideração que vai no sentido de S2 -> S1, enquanto a mulher é interdita pelo movimento inverso; indo no sentido S1 -> S2, faz desaparecer o interdizer para aceder ao impossível místico. (WEILL, 1998, p. 51)

O mesmo autor propõe pensar a oposição entre os discursos masculino e feminino, o homem sendo guiado por um objeto “do qual passa a vida a se separar para correr atrás dele” (p.62). Enquanto a mulher seria guiada por um caminho diferente, “através da dança, através do canto, é o caminho da pulsão invocante” (p.62). O autor não especifica onde, mas diz que Lacan considerou “a pulsão invocante é o que há de mais próximo da experiência do inconsciente” (p.62).

Percorri o caminho que alguns psicanalistas seguiram até chegarem na formulação do Outro gozo, para tentar conceituar, e exemplificar pequenas manifestações, deste que para nós é o Outro absoluto.

### 3 A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA

Parto da constatação de Lacan de que os homens imploram de joelhos, para que as mulheres falem sobre este Outro. E que já se sabe que dele ela não fala, porque dele nada sabe. Soler questiona se uma clínica assim é sequer concebível. Indaga:

Que uso pode fazer o analista destas indicações? O inconsciente sabe muito, mas do gozo outro, por definição, não sabe nada. Não foi por acaso que a análise levou a enfatizar o gozo fálico, porque só o gozo que passou para o significante diz respeito a sua prática. O inconsciente não pára de articular quer a falta, quer as imagens cativantes, quer as letras em que o gozo se fixa. É também por isso que ele evidencia que existe um resto, e que o gozo nunca se diz todo. Mas isso não constitui uma objeção à análise, pois o que se pode estudar, ao contrário, são as conseqüências subjetivas. (SOLER, 2003, p. 38)

Conclui que não é necessário “que o inconsciente saiba mais sobre ele, pois esse mais – quantidade – só faria tornar mais lanciante o que é Outro, que não se sabe nem se imagina, mas que confina com tudo que se diz” (SOLER, 2005, p. 38). Em matéria de gozo, cita Lacan: “é somente ao mais-a-dizer que corresponde o não-bastante”. (LACAN apud SOLER, 2005, p.38).

Considero pertinente o questionamento que Colette Soler levanta sobre as possíveis implicações de uma clínica da mulher. “Nada de clínica d’A mulher, a não ser imaginária e projetiva (...) Entretanto, uma clínica das mulheres afetadas por serem não-todas, quer a maneira histérica, quer à obsessiva, fóbica ou psicótica, não é uma impossibilidade” (2005, p.41).

O “quer a maneira histérica” foi amplamente discutida pela autora. Diferenciar histeria de feminilidade é fundamental. “É que identificar-se com o desejo, que é o caso da histérica, impede a identificação com o objeto de gozo. Essa tese perpassa todo o ensino de Lacan, embora suas formulações tenham variado com o tempo” (SOLER, 2005, p.51).

Lacan variou as formulações. Ali onde distinguiu os sexos por um “ter ou ser o falo”, ele chegou a dizer “ter ou ser sintoma”. As duas formulações não são equivalentes. Sendo o falo uma função negativa de falta, e o sintoma, uma função positiva de gozo, elas mais são opostas. A tal ponto que o querer “ser o

falo”, com que Lacan estigmatizou a histérica por algum tempo, significa exatamente: não querer ser o sintoma (...). Uma mulher, disse ele, especifica-se por ser sintoma. Não é o caso da histérica, que se caracteriza “por se interessar pelo sintoma do outro” e, portanto, não é um sintoma último, mas apenas “penúltimo”. (SOLER, 2005, p.54)

Na feminilidade existe a relação com o Outro, a mulher se coloca na posição de sintoma do homem. Sobre o amor, Soler explica “em seus momentos de plenitude recíproca, chega a produzir como que um apagamento temporário do efeito de falta-a-ser, um corretivo transitório da castração. (...) A perda do amor tem um efeito depressivo no sujeito” (2005, p. 56). Ao se perder um amor, se acredita ter perdido uma parte de si mesmo. Isto não é exclusividade da histeria. Observa-se em homens e mulheres, porém, com suas peculiaridades.

O amor feminino é ciumento porque se prende, e isso é o mais interessante, às características de seu gozo. Ao contrário do gozo fálico, o gozo outro, suplementar, “ultrapassa” o sujeito. Para começar, por ser heterogêneo à estrutura descontínua dos fenômenos regulados pela linguagem, com a consequência de que esse gozo não é identificatório. (SOLER, 2005, p.56 )

Os homens ao se identificarem com o gozo fálico, apresentam uma sorte de buscas, afirmações. “Correm atrás da bola”, como nos diria Weill. Se reconhecem como sendo mais homens quanto mais acumulam gozo fálico. Colette Soler comenta sobre a competição dos meninos, no começo de suas vidas escolares, que competem quem urina mais longe. “O órgão ainda não está em funcionamento no plano estritamente sexual, mas o discurso já informou o menino que é nisso e com isso que ele se medirá. Depois vêm as conquistas sexuais, contabilizadas quando se é homem” (2005, p.57). Muitos exemplos podem ser dados para exemplificar como os homens competem, ou contam vantagens...

Soler fala sobre os personagens célebres, que apresentam mulheres como forma de se afirmar. “Todas as celebridades da política, do show business e dos esportes emperiquitam-se com uma mulher (...) Em todos os níveis, da política, da profissão ou do dinheiro, o homem se certifica de ser homem pela apropriação fálica” (SOLER, 2005, p. 57).

O mesmo não acontece com a mulher. O gozo fálico, o do poder, no amor ou em outros campos, certamente não lhe está proibido. Podemos até dizer que lhe é cada vez mais acessível. É patente que a chamada liberação das mulheres

lhes dá um acesso cada vez maior a todas as formas desse gozo. Só que sair-se tão bem quanto os homens não faz uma mulher. Daí os conflitos subjetivos discernidos há muito tempo na psicanálise, e cujas formas variam conforme as épocas, entre a apropriação fálica e a inquietação quanto à vida de mulher, como às vezes se costuma dizer (SOLER, 2005, p.57).

Segundo Soler, “na impossibilidade de ser A mulher, resta ser “uma” mulher, a eleita de um homem. Ela toma emprestado o “um” do Outro, (...) identificada como uma mulher escolhida. Assim, é compreensível que as mulheres, históricas ou não, mais que os homens, amem o amor” (2005, p. 57).

O que percebemos na clínica psicanalítica, é que a mulher “é um ser dividido entre o que é para o Outro e o que é como sujeito do desejo, entre seu ser complementar da castração masculina, por um lado, e seu ser como sujeito do inconsciente, por outro” (SOLER, 2005, p. 62). Ela se coloca no lugar de desejo do homem, usa dos semblantes.

Lacan, ao dizer que o masoquismo feminino “é uma fantasia do desejo do homem”, fornece-nos a chave. Ela se produz no cruzamento de dois fatores: por um lado, a forma erotomaniaca do amor feminino, que institui a eleita, e por outro, as condições do desejo do homem, que requerem que o objeto tenha a significação da castração. A famosa complacência das mulheres para com a fantasia masculina, que as impele a “concessões” ilimitadas e que foi estigmatizada por Lacan em *Televisão*, gera, entre outros efeitos, a mascarada masoquista, e nos revela seu sentido: as características de sofrimento e falta exibidas devem ser imputadas ao que Lacan chamava de “os males da virtude/do vir-a-ti”, 15 para designar as tribulações de quem se procura no desejo ou no gozo do Outro. (SOLER, 2005, p. 64).

Inúmeros são os casos de mulheres que desistem de seus objetivos pessoais em prol do homem que a escolheu. Soler cita a psicanalista Helene Deutsch (1884 – 1982), que “descreveu de maneira bastante exaltada esse tipo de abnegação, que ela ficou bem longe de exemplificar em sua vida, mas em que julgou reconhecer a verdadeira feminilidade” (2005, p. 67).

Sobre a depressão, encontrada em grande número de mulheres, Soler, se questiona a respeito da dissimetria entre “os partidários do desejo” e as “recorrentes do sexo”. Relaciona a depressão a problemas amorosos. “Já que se trata da causa do desejo, busquemos a resposta do lado dos infortúnios do amor, que bem poderiam programar para as mulheres, lutos sem equivalente no homem” (SOLER, 2005, p. 80).

Conforme a mesma autora, “o ser fálico, única identificação que sustenta o ser mulher, sustenta-se no amor. Não é o que acontece com o homem, cuja virilidade se afirma pelo lado do ter, pela potência sexual e suas múltiplas metonímias” (2005, p. 80). Para Lacan, quando o homem ama, ele se encontra na posição feminina, na posição de falta.

Soler reconhece em traços da melancolia uma tentativa de falar de si como Outro. Diz que na mulher, a perda do amor ultrapassa a dimensão fálica. “O que ela perde, ao perder o amor, é ela mesma, porém como Outro denominado. (...) O inesquecível para a mulher é o que o amor fez dela: o Outro que, com um mesmo movimento, o amor instituiu e... reabilita” (2005, p. 83).

De fato, a experiência clínica demonstra o quanto é sofrido para as mulheres os rompimentos de relações afetivas. Longos lutos, angústias, perda da identidade. O mais curioso é queixa feminina, passado algum tempo que a relação acabou, de que o ex-marido já está com uma nova namorada, com apartamento novo decorado, e que a vida dela continua a mesma.

A autora distingue o amor da mãe do amor da mulher. Para isso, retoma Lacan em seu seminário 4 “contrariando os defensores da “relação de objeto”, acentuou tanto a idéia de falta de objeto e a necessidade de a criança encontrar, além da mãe como potência preenchedora ou preenchida, a mãe desejante” (SOLER, 2005, p. 100). Com relação a divergência entre ser mãe e ser mulher diz:

Ambos se referem à falta fálica, sem dúvida, porém de modos diferentes. O ser mãe resolve essa falta através do ter, sob a forma do filho, substituto do objeto fálico que lhe falta. No entanto, o ser mulher da mãe não se resolve inteiramente no ter fálico substitutivo, como afirmei. Justamente na medida em que seu desejo diverge para o homem, é mais a ser ou a receber o falo que a mulher aspira: a sê-lo, através do amor que faliciza, e a recebê-lo, por intermédio do órgão com que ela goza, mas, nos dois casos, ao preço de não o ter. Pobreza feminina! (SOLER, 2005, p. 100).

Sobre esse desejo, que a mulher diverge para o homem, e conseqüentemente o amor, Colette, diz que “o amor em si é cada vez mais falado em termos de ter: contam-se suas ocorrências, seus produtos, seus benefícios, calculam-se por antecipação suas perdas e lucros” (2005, p.123).

Também se refere a um “efeito unissex, generalizando a expressão que a publicidade aplica preferencialmente às roupas, pelas quais, doravante, a diferença sexual mais se encobre do que se revela” (SOLER, 2005, p. 123).

O resultado imediato é especialmente sensível para as mulheres. Durante séculos, elas viram seus gozos serem confinados ao perímetro da casa. O mercado de trabalho as emancipou desse campo fechado, mas não sem aliená-las nos imperativos da produção. Daí, aliás, as hesitações do movimento feminista, que oscila entre uma reivindicação de igualdade e uma reivindicação inversa, de diferença, que exprime o protesto da particularidade. O certo é que, hoje em dia, já não existe campo a que as mulheres não tenham acesso. Esse movimento, apesar de não estar totalmente consumado, nem por isso deixa de se generalizar, e me parece irreversível. (SOLER, 2005, p. 123).

Para Soler, essas mudanças concernem ao gozo fálico. “Regime do gozo fálico igualmente oferecido a todos e em todas as suas formas. Não que as mulheres jamais tenham sido privadas dele, mas, durante muito tempo e salvo algumas exceções, ele existia unicamente dentro dos limites de seu destino de esposa e mães” (2005, p.124).

Atualmente o que se percebe é a identificação com o ter masculino, carreira e dinheiro estão disponíveis às mulheres da cultura ocidental. Porém, será que as mulheres estão mais felizes com isso?

Graças aos recursos da metonímia, a carreira é acessível a todas, tanto a nossas históricas modernas quanto às outras, não lhes faltam talentos e podemos esperar que façam muito barulho – a discrição não é seu forte. No entanto, essa oferta conduz ao inverso de seu desejo, como atesta a análise em todas as formas: ao contrário do que às vezes se imagina, quanto mais a mulher histórica tem sucesso na conquista fálica, menos pode gozar com isso e mais aumenta seu sentimento de desapropriação. Karen Horney o percebeu bem. A histórica pode empenhar-se nas diferentes competições que se oferecem, porém, mal demonstra sua capacidade, o benefício desaparece. Não é o gozo que convém a sua verdadeira questão. Esta se desenrola alhures, no campo fechado, como diz Lacan, da relação sexual. É somente nele, com efeito, que a diferença sexual, recalcada em toda parte pelo regime do unissex, continua impossível de eliminar. (SOLER, 2005, p. 125)

Conforme Soler, “é a esse ser de falta-a-ser representado pela histórica que o discurso contemporâneo propõe as conquistas do ter. (...). Nesse aspecto, a psicanálise é realmente o que convém à histórica, já que seu dispositivo aceita reconhecer o enigma do sexo e se encarregar dele” (2005, p.125). Porém, o anseio histórico continua insatisfeito:

“este esperava que o inconsciente fornecesse uma ciência da causa do gozo como sexual, e descobre que o inconsciente só conhece o gozo fálico, assexual. O outro, ele só circunscreve pela lógica, e só se aproxima do seu real pela impossibilidade de dizer” (2005, p. 126).

Soler deixa para o futuro a resposta sobre se a histórica se contentará com isso. Acredita que não cederá. “De preferência, ela dará continuidade a sua greve do corpo, oferecendo o corpo despedaçado de seus novos sintomas ao cientista (neuropsiquiatra, cognitivista ou outro) que faz do desconhecimento dos mistérios do sujeito sexuado uma profissão” (2005, p.126). Na psicanálise, a escuta do Outro gozo pode se mostrar um diferencial. “O analisando sem dúvida consome o gozo fálico, mas o analista encarna o que resta, o complemento irreduzível ao um fálico. É bastante perceptível que essa irreduzibilidade se presta a diversos usos subjetivos” (2005, p.126).

Sobre o Outro gozo, Soler questiona onde é possível identificar os substitutos das místicas de antigamente. Acredita que a mulher como Outro absoluto está em toda parte. Hoje em dia as mulheres freqüentam todos os lugares, não existem diferenciações entre tarefas e atributos para as mulheres e homens. “Hoje em dia, as coisas se misturam e, como diz Lacan em Televisão, isso produz fantasias inéditas” (2005, p. 132). Para a autora, “O Outro absoluto de um gozo não-todo, não computável, não pode ser pensado como moderno” (2005, p. 133).

Atualmente as escolhas são maiores. As mulheres podem optar por se casar ou não, ter ou não filhos, e em qual momento decidirão construir família, se de fato, os planos forem estes. As mulheres recuam diante dos compromissos definitivos nas relações amorosas. Para Soler, se observa na mulher os mesmos recuos que se constata no homem obsessivo.

O homem – no singular – e o filho, ambos desejados, mas adiados até um momento mais oportuno, fazem parte da clínica cotidiana de hoje e, muitas vezes, encontram-se na origem da demanda da análise. Assim, a extensão do unissex ao conjunto das condutas sociais caminha de mãos dadas com uma homogeneização de grande parte da sintomatologia (SOLER, 2005, p. 134).

Sobre isso, evoca a configuração feminina, da mulher que ao aproximar dos 40 anos percebe que o tempo está passando, e que se quiser ter um filho, precisará se apressar para achar um pai, ou escolher ter um filho sozinha. Fica à decisão assumir a escolha do pai. Questão bastante freqüente e atual. “As configurações são múltiplas: estou procurando um pai, mas não suporto viver com um homem; estou procurando um pai, mas não encontro nenhum; eu o amo, mas não o vejo como pai; e sem esquecer: achei na mesma hora que ele seria um bom pai” (SOLER, 2005, p.135). Questiono-me sobre as conseqüências nos relacionamentos e especificamente nos homens, ao se perceberem reféns dessa escolha feminina. Como deve ser para os homens se sentirem sendo escolhidos não para uma relação amorosa, mas para ser pai?

Como é sabido, o homem se casa com o objeto de sua fantasia, está é a norma fálica. A mulher não-toda fálica, nem toda causada pelo objeto de fantasia. “Encontra acesso ao gozo outro através de diversos parceiros: além do homem na relação sexual, por intermédio de outra mulher, bem como no próprio Deus, quando se trata de uma mística” (SOLER, 2005, p.140).

O seminário Mais, ainda recoloca em estudo essa mesma disjunção, ao afirmar, no fim do primeiro desenvolvimento de seu primeiro capítulo: “O gozo do Outro, do Outro com O maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor” Falta, pois, a implicação que diria: “eu o amo, logo, gozo com ele”. Por conseguinte, essa formulação, na realidade, abre uma dupla questão: a de saber de onde vem aquilo que, na relação sexual, responde pelo gozo, e da verdadeira natureza do amor. (SOLER, 2005, p.141).

Observo na clínica muitos casamentos sendo desfeitos, e a principal justificativa para isso é a necessidade feminina de maior liberdade, autonomia, tempo para o trabalho e suas questões pessoais. Mulheres que percebem que já tiveram uma relação, já foram “mulher de alguém”, já receberam um nome, e que hoje não se satisfazem mais com isso. Porém, é visível o sofrimento das mulheres que há muito tempo estão solteiras, não casaram, não tiveram filhos. Não se sentem escolhidas, e muitas percebem que perderam a oportunidade da maternagem. Sim, para as mulheres do segundo milênio esta ainda é uma questão.

Para Colette Soler, os relacionamentos se estabelecem “contrariando Freud, que não é apenas por ter necessidade de proteção que a mulher aspira ao casamento, nem tampouco, como às vezes ela acredita, pela preocupação com os filhos, mas antes, e mais fundamentalmente, como uma consequência do não-toda” (2005, p.153). Assim, se percebe a importância de receber um nome.

“A busca de um dito que, nomeando seu ser de sintoma, do sintoma que ela é para o Outro, livre-a de sua solidão de gozo e ligue o não identificável, o Outro que ela é para si mesma, ao Um da eleição. Isso não promete a felicidade, pois é na junção desse gozo com essa exigência que se desenvolve, ao contrário, tudo o que se inclui no termo “devastação”. O que dá ensejo a verificar, no entanto, que a devastação também pode criar vínculos. Por ora, é a função simultaneamente subjetiva e social do amor conforme os sexos que cabe interrogar.” (SOLER, 2005, p.153).

As perguntas que me fez percorrer este trabalho é qual a influência que o Outro gozo fornece nas escolhas amorosas. Sim, dele nada se sabe, mas podemos deduzir que a parte não-toda fálica da mulher se expressa com seu silêncio nas relações. Como o misterioso real nos toca em nosso dia-a-dia, em nossos relacionamentos. A mulher além de se colocar como sintoma de um homem, é impulsionada por este gozo Outro?

O que podemos compreender sobre o amor louco das mulheres? O que podemos entender por devastação?

Com esse termo “devastação”, Lacan tenha reencontrado um vocábulo que utilizara, inicialmente, para caracterizar a relação da filha com a mãe. Ele parece dar continuidade à tese freudiana de que o homem é herdeiro da relação com a mãe e, mais precisamente, das censuras feitas à mãe, e se torna, indo atrás dela, alvo da reivindicação fálica. (SOLER, 2005, p. 184).

Concordo com a leitura de Soler quando ela expande o conceito de devastação. “Não creio, porém, que seja essa a tese de Lacan, porque devastação não é reivindicação: às vezes a inclui, mas não se reduz a ela e, em última instância, é de outra ordem, porque não pertence ao registro fálico” (2005, p.184).

É esse o núcleo da devastação: é o gozo outro que devasta o sujeito, no sentido forte de aniquilá-lo pelo espaço de um instante. Os efeitos subjetivos desse eclipse nunca faltam. Vão da mais leve desorientação até a angústia

profunda, passando por todos os graus de extravio e evitação. O sentido de algumas formas de frigidez se esclarece com isso. Apreendemos, além disso, o que impôs a Lacan a referência aos míticos, pois que outra coisa é a aspiração mística, exatamente – todos os textos o clamam –, senão o abolir-se no Outro, o abolir-se como sujeito de qualquer projeto da criatura? (SOLER, 2005, p. 185)

Esta “leve desorientação até a angústia profunda” a que Soler se refere, está sempre permeando a análise. Porém, o que se percebe é que é uma aflição para a qual as mulheres não conseguem nomear. Sensação enigmática para as próprias mulheres.

## 4 CONCLUSÃO

Atualmente o discurso capitalista que corre em todas as mídias é o discurso que visa a igualdade entre o homem e a mulher. As mulheres lutaram por seus direitos, conquistaram liberdade em todas as esferas sociais, e, como vimos, cada vez mais, as mulheres estão adotando “signos da virilidade” (ESCOLÁSTICA, 1995, p.34).

Não existem mais limitações para a mulher, elas estão por toda parte, exercendo atividades profissionais e de lazer que até pouco tempo era restrita aos homens. As mulheres gozam de suas conquistas, competem com os homens, estão inseridas no universo fálico.

O que percebemos é a dificuldade de se falar da mulher para além de seu gozo fálico. Muitos autores releeram a obra de Lacan, tentaram diminuir um pouco de sua teoria enigmática, mas percebe-se que, mesmo atualizando questões sobre a mulher, revendo conceitos que já foram vistos por muitos autores, a questão continua em aberto.

Apesar de todas as incertezas, a escuta do Outro é imprescindível no contexto clínico. É a leitura do que está nas entrelinhas, e que pode mudar a história narrada. É a escuta do silêncio que muito diz. Lacan conseguiu criar uma formulação que ultrapassa a visão de uma psicanálise machista. Considerou a mulher para além da complementaridade do homem. E que ao meu ver, é uma teorização que busca as diferenças entre homens e mulheres, sem propiciar a desigualdade entre os sexos.

O que existe em comum na visão dos autores é que as mulheres podem ter um gozo para além de suas conquistas fáticas. E que, apesar de não conseguirem falar sobre este gozo, elas gozam.

Levanto a hipótese de que as mulheres ao reconhecerem que existe um gozo diferente nelas, podem buscar posturas que as façam se sentir mais completas. Talvez, ao parar de tentar imitar o homem a mulher conseguisse se apropriar mais e melhor de sua condição feminina? Talvez só o fato de saber sobre a existência de um gozo diferente, mesmo que ele não consiga se fazer dito, possa abrir novas possibilidades? Acredito que apenas o fato de falar sobre a mulher (assim como falar da morte) já diminua um pouco do horror em relação ao desconhecido.

Infelizmente, o tema é amplo, não foi possível falar sobre tudo a que ele se relaciona. As relações que se estabelecem entre mulheres é, por exemplo, uma questão para o futuro. Do Outro gozo não conseguem falar, porém existe entre elas a ficção de um gozo parecido?

Penso em possibilidades de aprofundar aquilo que Weill chamou de “pulsão invocante”. Em um mundo em que se compra tudo pronto, não se tem paciência para nada, seria de extrema importância atividades que favoreçam o criar, e que consigam nos conectar com nosso corpo, como dança ou canto, como foi sugerido pelo autor. Interessante a questão que ele coloca, sobre o fim da análise, possibilitando, entre outras coisas, o acesso à pulsão invocante. “Se esta pulsão tem relação com a sublimação, ela não remeteria à dessexualização de Freud mas sim a esta parte indeterminada, ilimitada, que precisamente escapa a toda e qualquer determinação sexual” ( Weill, 1998, p.63).

Também penso que a aproximação da mulher com a natureza, possa resgatar um pouco do prazer que Escolástica nos mostrou que foi recalcado ao longo da história. Acredito que a jardinagem, assim como o tecer (que foi visto por Freud como uma atividade feminina), ou qualquer outro trabalho artesanal, possam aproximar a mulher daquilo que ela tanto se afastou. Quem sabe servindo como antídoto para as angústias que Soler com mestria relacionou ao Outro devastador?

Em síntese, ao longo da pesquisa percebi que o que chamei de Outro gozo, apresenta conceituações muito distintas nas três leituras. Percebi que enquanto Soler se refere a um gozo inominável, que o inconsciente não conhece (seguindo a mesma linha de Lacan), Escolástica fala de um recalque no inconsciente cultural e histórico. Weill, por sua vez, fala de um gozo corpóreo do lado feminino, inacessível aos homens, porém relacionado a invocação e ao inconsciente. Me arrisco a dizer, que são leituras que se complementam, que focam o Outro gozo como suplementar ao gozo fálico.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Tradução Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

FREUD, Sigmund. *Sexualidade Feminina*. Obras Completas: edição Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2006.. Vol. XXI (1931)

KEHL, Maria Rita. *Os deslocamentos femininos: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*, 1997. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LACAN, Jacques. Seminário, livro 20: mais, ainda, (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SANTOS, Tania Coelho dos. *Quem precisa de análise hoje?: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Maria Escolástica Álvares da. *O Gozo Feminino*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

SILVA, Maria Escolástica Álvares da. *Psicanálise e Feminidade*.

Disponível em:

[http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/09\\_rev\\_feminidade.htm](http://www.pucsp.br/psilacanise/html/revista01/09_rev_feminidade.htm)

Acesso em Julho de 2011.

SOLER, Colette. *O que Lacan dia das mulheres*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

TESONE, Juan Eduardo. *O divino gozo: o narcisismo feminino e os místicos*. *Rev. bras. psicanál* [online]. 2008, vol.42, n.4, pp. 139-143.

WEILL, Alain Didier. *Lacan e a clínica psicanalítica*. Tradução Luciano Elia. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

ZALCBERG, Malvine. *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.